



## Um guia conciso para a escrita de artigos filosóficos<sup>1</sup>

A brief guide to writing the philosophy paper

Simon Rippon<sup>2</sup>

Tradução de  
Rodrigo Freitas Costa Canal e José Leonardo Annunziato Ruivo

---

**Resumo<sup>3</sup>:** Trata-se de uma tradução de um guia sobre como escrever um artigo filosófico, publicado pela *Harvard College Writing Center* como parte da série *Writing Center Brief Guide Series* do *Writing Program* da *Harvard University*. O texto discorre sobre o que se deve fazer num artigo propriamente filosófico, apresentando critérios sobre como se deve elaborar teses e argumentos filosóficos, e as possíveis objeções contra esses.

**Palavras-chave:** Escrita filosófica; Artigo filosófico; Argumentos filosóficos.

**Abstract:** This is a translation of a guide on how to write a philosophical essay, published by the Harvard College Writing Center as part of the Writing Center Brief Guide Series of the Harvard University Writing Program. It discusses how to write a properly philosophical essay, presenting criteria on how to develop philosophical theses and arguments, and possible objections against them.

**Keywords:** Philosophical writing. Philosophical Essay. Philosophical Arguments.

---

### 1. Desafios da escrita filosófica

A meta dos trabalhos nas aulas de filosofia é fazer com que você filosofe. Mas o que é filosofia, e como se faz filosofia? A resposta é complicada. Filósofos às vezes são motivados por uma ou mais daquilo que poderíamos chamar de as “Grandes Questões”, tais como: Como devemos viver? Há livre arbítrio? Como conhecemos?, ou O que é a verdade? Embora filósofos não concordem entre eles próprios tanto sobre uma gama de questões propriamente filosóficas, quanto sobre os métodos adequados de responder às mesmas, eles concordam que meramente

---

<sup>1</sup> Tradução do artigo autorizado pelo autor. Texto original disponível em: [https://philosophy.fas.harvard.edu/files/phildept/files/brief\\_guide\\_to\\_writing\\_philosophy\\_paper.pdf](https://philosophy.fas.harvard.edu/files/phildept/files/brief_guide_to_writing_philosophy_paper.pdf).

<sup>2</sup> Professor da Central European University (Hungria)

<sup>3</sup> N.T: O *resumo* e *abstract*, bem como as *palavras-chave* e *keywords* são de autoria dos tradutores, dado que o texto original não contém estes elementos.

expressar nossa própria opinião sobre tópicos controversos como esses não é fazer filosofia. Pelo contrário, filósofos insistem sobre o método de primeiro se ater à clareza sobre as perguntas exatas que estão sendo feitas, e então fornecer respostas suportadas por argumentos claros e logicamente estruturados.

Um argumento filosófico ideal deve conduzir o leitor, em etapas lógicas inegáveis, a partir de premissas obviamente verdadeiras, a uma conclusão que não tão óbvia. Um argumento *negativo* é uma *objeção* que tenta mostrar que uma afirmação, teoria ou argumento é enganoso; se bem-sucedido, dizemos que ele a *refuta*. Um argumento *positivo* tenta sustentar uma afirmação ou teoria; por exemplo, a de que há fato livre arbítrio, ou a de que nós nunca devemos comer animais. Argumentos filosóficos ideais e positivos sobre as Grandes Questões são extremamente difíceis de construir, e filósofos interessados em formular ou criticar tais argumentos geralmente acabam discutindo outras questões que podem parecer, à primeira vista, pedantes ou artificiais. Essas questões motivam os filósofos porque, após investigá-las, elas parecem esclarecer e estar logicamente relacionadas às Grandes Questões. Assim, por exemplo, enquanto tentam responder a Grandes Questões, tais como aquelas acima, filósofos podem encontrar a si próprios discutindo questões como (respectivamente): seria moralmente permissível empurrar alguém na frente de um trem em alta velocidade? O que é uma causa? Eu sei que tenho mãos? Existe um mundo exterior? Embora discutir essas questões possa parecer bobagem ou algo sem sentido, a satisfação da filosofia às vezes deriva de, primeiro, descobrir e explicar como elas estão logicamente conectadas às Grandes Questões e; segundo, construir e defender argumentos filosóficos para respondê-las. A boa filosofia procede com passos modestos, claros e cuidadosos.

## **2. Estruturando um artigo filosófico**

Trabalhos de filosofia geralmente pedem a você para considerar alguma tese ou argumento, geralmente uma tese ou argumento que tenha sido apresentada por um outro filósofo (uma *tese* é uma afirmação que pode ser verdadeira ou falsa). Dada essa tese ou argumento, pode ser solicitado a você que faça uma ou mais das seguintes opções: explicá-los, oferecer um argumento para suportá-los, oferecer uma objeção a eles,

defendê-los contra uma objeção, avaliar argumentos contra e a favor à tese ou argumento, discutir quais consequências podem ter, determinar se essa tese ou argumento o compromete com alguma outra tese ou argumento (i.e., se aceita a outra tese ou argumento, poder-se-ia estar racionalmente obrigado a aceitar uma *porque* aceito a outra?), ou determinar se alguma outra tese pode ser consistentemente sustentada com base nessa tese ou argumento. Não importa quais dessas tarefas são solicitadas a você realizar, seu artigo deve normalmente atender os seguintes requerimentos estruturais:

- **Comece por formular precisamente a tese.**

Expresse a sua tese de forma clara e concisa na sua introdução, de forma que seu leitor entenda o que seu artigo se propõe a alcançar. Vá direto ao ponto rapidamente e sem digressão. Não tente introduzir seu argumento dentro de uma grande narrativa histórica, por exemplo. Sua tese não tem de ser a mesma como qualquer outra tese mencionada na proposta de trabalho, embora em algum caso ela possa ser.

### **Bom exemplo de escrita**

Jen é uma excelente escritora de filosofia que recebeu a seguinte proposta de trabalho: avalie o argumento de Smith para a afirmação de que as pessoas não têm livre arbítrio.

Jen decidiu, antes de começar a escrever seu artigo, que o argumento de Smith falha porque incorre em uma ambiguidade. Desta forma, ela começou seu artigo com a seguinte frase: *neste artigo, refutarei o argumento de Smith contra a existência do livre arbítrio mostrando que incorre em uma ambiguidade.*

Então, a tese de Jen é que o argumento de Smith é inválido porque incorre em uma ambiguidade – e ela a enunciou claramente logo no início do artigo. Note que Jen não precisou dizer nada sobre a verdade ou a falsidade da tese de que as pessoas não têm livre arbítrio; mesmo se o argumento de Smith para isso for inválido, poderia ainda ser verdade que as pessoas não possuem livre arbítrio.

- **Defina termos técnicos ou ambíguos usados em sua tese ou em seu argumento.**

Você precisará definir para seu leitor quaisquer termos especiais ou ambíguos que apareçam em sua tese, ou na discussão em questão. Escreva de tal forma que você possa ser entendido claramente por um estudante que tenha tido algumas aulas de filosofia mas não este curso em particular. (Pense nesse leitor imaginário sempre que precisar decidir o quanto você precisa dizer para expor uma discussão, ou para julgar a clareza em geral de seu trabalho.)

- **Se necessário, motive sua tese (ou seja, explique ao seu leitor por que ele deve se interessar por ela).**

Você precisará fazer isso especialmente em trabalhos mais longos, quando não for claro por que o leitor deve se preocupar sobre a verdade da afirmação para a qual você está argumentando.

- **Explique brevemente como você argumentará a favor de sua tese.**

No exemplo acima, a própria tese de Jen é enunciada de tal modo a indicar como o argumento irá proceder. Jen poderia razoavelmente ter escolhido ampliar um pouco mais essa explicação, indicando, por exemplo, na introdução, qual termo do argumento de Smith é ambíguo, ou indicando porque ela pensa que outros podem ter deixado passar a ambiguidade.

- **Se necessário, explique o argumento que você irá criticar.**

Se a tarefa pede a você para avaliar o argumento de outros (como no exemplo acima), precisará explicar esse argumento antes de apresentar sua avaliação sobre o mesmo. Às vezes, toda a tarefa de um trabalho será simplesmente explicar um argumento feito por outra pessoa, em vez de fornecer um argumento de sua autoria. Embora nem sempre seja esperado de você que forneça, nos seus artigos filosóficos, os seus próprios argumentos ou teorias, completos e originais, você deve sempre praticar filosofia. Isto significa que você deve explicar os argumentos com suas

próprias palavras e de acordo com seu próprio entendimento dos passos envolvidos nele. Você precisará ser muito claro sobre as *estruturas lógicas* precisas dos argumentos de um autor (Nota importante: isso pode não ser claramente representado pela ordem em que tal argumento aparece escrito no texto original). Não tente impressionar seu leitor com seu largo conhecimento resumindo qualquer coisa em um artigo particular, ou todas as coisas que você tenha aprendido sobre o tópico: atenha-se a explicar apenas os detalhes que são essenciais do argumento do autor para a tese específica dele, e do seu próprio argumento para sua tese. Também tome cuidado para indicar claramente quando você está falando de suas próprias ideias, e quando você está explicando o, e não apresentando uma defesa do, argumento ou ponto de vista de outra pessoa.

### **Exemplo de escrita ruim**

Como resposta ao trabalho previamente mencionado, George escreveu um artigo defendendo que há livre arbítrio, com base no fato de que George estava, ele próprio, consciente de fazer todos os tipos de escolhas livres diariamente. Sua conclusão era que o argumento de Smith (que ele não explicou, e mencionou apenas no final do artigo), deve ser falso, uma vez que há livre arbítrio.

O professor de George pediu a ele que rescrevesse, dizendo que tinha falhado na sua análise do argumento de Smith na primeira versão. Abaixo um excerto da malsucedida reescrita de George: *Smith diz na p.9, “Tendo sido estabelecida a verdade do determinismo causal pelo argumento da eliminação, podemos ir adiante para provar o incompatibilismo.” Então Smith diz que o surgimento das ações de um agente é um evento que ocorreu antes do seu nascimento. Se um evento ocorreu antes do nascimento de alguém, ele não pode ser um produto de suas escolhas. Portanto, o incompatibilismo é verdadeiro. Na p.10, Smith lida com a objeção de que...*

George não explica nem analisa apropriadamente a lógica do argumento de Smith (um artigo filosófico), mas, antes, descreve o que Smith diz e como isso aparece no texto (uma ficha de leitura). Na primeira sentença, George desnecessariamente cita Smith diretamente, e não fornece nenhuma explicação da sentença de Smith ou os termos técnicos que mostrariam a compreensão de George. Em sua segunda sentença,

George apenas segue o texto de Smith, parafraseando-o. Na terceira, George parece tentado a: (i) apenas parafrasear Smith, ou (ii) parafrasear e endossar a afirmação de Smith, ou (iii) emitir sua própria opinião – mas para o leitor é deixado ambíguo o que George pensa da visão de Smith e o que é a própria visão de George.

- **Construa um argumento para apoiar sua tese.**

Este é o principal objetivo de seu artigo. Para fazer o mais forte dos argumentos, não pule nenhuma das etapas, e procure não se basear em nenhuma premissa que seu leitor não esteja disposto a aceitar. Se você usa uma afirmação que seu leitor possa achar duvidosa, então você deve tentar fornecer ao leitor razões convincentes para ele aceitá-la. Será quase sempre mais eficaz usar um único argumento e fazer o mesmo tão convincente quanto você pode, do que usar mais de um argumento ruim, de modo a evitar a conhecida estratégia de “atirar para todos os lados” através do uso de múltiplos argumentos mais fracos. Na apresentação de seu argumento, seja direto em sua linguagem e expresse de forma precisa o que você quer dizer. Por vezes, você precisará usar exemplos ou elaborar melhor, mas ainda você precisará ser tão conciso quanto possível – palavras ou informações desnecessárias irão distrair e confundir seu leitor.

- **De forma a reforçar seu argumento, antecipe e responda objeções a ele.**

Na maioria dos trabalhos de filosofia, esta será uma parte essencial de seu artigo. Isso ajuda a embasar seus principais argumentos e fazê-los mais convincentes. Quando apresentar uma objeção, você deve sempre apresentar uma razão ou razões para pensar que ela é verdadeira: a simples negação de uma tese não é uma objeção a ela.

### **Bom exemplo de escrita**

Depois de oferecer seu argumento, Jen resumiu sua conclusão e introduziu uma objeção, como se segue: *como mostrei claramente em minha reconstrução do argumento de Smith, a palavra “livre”, como aparece na primeira premissa de Smith (significando não causado), deve ser interpretada diferentemente da palavra “livre” como aparece na*

*terceira premissa de Smith (significando não forçado a) – de outra forma, pelo menos uma das duas premissas seria altamente implausível. Mas, nesse caso, o argumento de Smith é logicamente inválido. Pode-se objetar que tenho interpretado o argumento de Smith de forma a desfavorecê-lo. Consigo pensar em apenas uma [outra] forma razoável de interpretar o argumento de Smith. Ele usa as mesmas primeiras duas premissas, mas tem uma terceira premissa diferente.*

Jun poderia responder à objeção que imaginou mostrando que o argumento de Smith sofreria de algum outro defeito se ele fosse reconstruído no modo que a objeção sugere, tal como repousando sob uma falácia lógica ou em uma premissa implausível.

Você sempre deve elaborar e responder às objeções mais fortes que você conseguir pensar, ao invés de fazer objeções não convincentes que você ache mais fácil de responder. Se você não pode pensar uma resposta decisiva a uma objeção, você deve admitir isto, e então fornecer ao leitor alguma razão para pensar que a objeção poderia não ter sucesso no fim das contas. Se você não pode oferecer tal razão, você pode ter de voltar atrás e revisar a tese que pretende defender. Em alguns casos, a correta resposta a uma objeção, se você não consegue responder a ela, será reiniciar seu artigo e defender um ponto de vista oposto ao que começou. Se isso acontecer a você, parabéns por fazer uma descoberta filosófica!

Muitas vezes, uma tarefa conterà instruções para se pensar em uma ou mais objeções à sua tese, e para você se defender contra elas. Em geral, exceto para tarefas mais curtas, de três páginas com espaçamento duplo ou menos, você deve tomar tal exigência como implícita mesmo se não tiver sido mencionada abertamente. Também, exceto nestes casos de artigos mais curtos:

- **Conclua brevemente explicando o que você pensa que seu argumento tenha estabelecido.**

#### **Como deixar seu artigo pronto<sup>4</sup>**

Não tente escrever um artigo de filosofia do zero, do início ao fim: você deve deixar muito tempo para planejar as coisas primeiro. Pense

---

<sup>4</sup> N.T.: subtítulo inserido para garantir melhor organização.

sobre o tópico do trabalho por um tempo, e formule uma possível tese e um argumento bruto para ela na sua cabeça. Se você achar isso difícil, comece escrevendo esboços das ideias relevantes. Você irá jogar fora um monte deste material mais tarde, mas o ato de escrever pode ajudar você a pensar sobre o tópico. Quando estiver pronto, comece a desenvolver a *linha geral* por escrito. Sua linha geral deve mostrar sua tese e seu argumento numa forma abreviada, mas com máxima clareza lógica. Tente usar uma linha para cada passo lógico de seu argumento. Certifique-se que inclua possíveis objeções e respostas, usando apenas algumas linhas para cada.

Você provavelmente achará, assim que produzir sua linha geral, que precisará revisar partes de seu argumento ou mesmo toda a sua resposta. Continue escrevendo esboços das partes de seu artigo durante todo o processo de construir as linhas gerais, se isso ajudar. Continue revisando as linhas gerais até o argumento estar completamente satisfatório e claro para você. (Tente explicar seu argumento a uma outra pessoa; se você não consegue explicá-lo, suas linhas gerais precisam de mais trabalho!) Neste ponto, escreva uma primeira versão de seu artigo a partir de suas linhas gerais, focando na clareza da estrutura geral de seu argumento.

Uma vez que você tenha a primeira versão em mãos, continue a revisá-la, tendo em mente tanto a estrutura do argumento e as palavras particulares escolhidas. Salve as primeiras versões na medida em que você avançar, de modo que você possa voltar atrás se mudar de ideia. Leia seu artigo em voz alta ou tenha um amigo que o leia para descobrir quais partes de seu argumento podem confundir ou falhar em persuadir o leitor e precisam de mais trabalho. Esteja aberto a mudar de ideia e seus argumentos em todas as etapas do processo, e mantenha sua linha geral atualizada. A sua versão final deve exprimir da forma mais clara possível de seu argumento final, adequadamente delineado.

### **3. Evidência**

Advindo do seu professor de filosofia, um pedido por evidência para uma afirmação é geralmente um pedido de um argumento, ou um argumento melhor. Embora filósofos possam, de tempos em tempos, fazer uso de resultados ou generalizações científicas, geralmente evitam a

atividade complicada e especializada de coletar e discutir dados empíricos, confinando suas investigações às suas poltronas. Esta é uma ampla generalização; muitas vezes, evidência empírica da psicologia, da física ou de outros campos de investigação pode ser utilizada adequadamente em argumentos filosóficos. Mas se você usar evidência de outros campos, nunca assuma simplesmente que isso resolve suas questões filosóficas: seja cuidadoso para explicar exatamente por que é relevante e exatamente o que nós podemos concluir dela, e se assegure que você relata acuradamente o que os cientistas têm a nos dizer.

Filósofos ainda encontram muito a discutir mesmo quando colocam evidências empíricas de lado. Por um lado, a questão de qual tipo de evidência empírica poderia ser necessária para decidir uma resposta a uma questão pode ela própria ser uma questão não empírica que os filósofos discutem. Por outro lado, filósofos gastam muito tempo discutindo como diferentes afirmações (que podem ser empíricas) se relacionam logicamente entre si. Por exemplo, um projeto filosófico comum é mostrar como duas ou mais visões não podem ser sustentadas consistentemente com outras, ou mostrar que, embora duas perspectivas sejam consistentes com uma outra, ela juntas implicam uma terceira afirmação implausível. Se bem-sucedido, esse tipo de argumento, conhecido como uma *reductio ad absurdum*, ou apenas *reductio*, mostra que nós temos uma razão para rejeitar pelo menos uma de suas premissas.

### **Exemplo de uma *reductio***

**PREMISA 1:** As pessoas às vezes devem fazer moralmente o que elas não vão, de fato, fazer.

**PREMISA 2:** Se uma pessoa deve moralmente fazer alguma coisa, então ela poderia fazer o que ela deveria fazer (Princípio de que “dever implica poder”).

**PREMISA 3:** Se uma pessoa está, de fato, indo fazer algo, então não é o caso que ela poderia fazer outra coisa (Determinismo).

**CONCLUSÃO (de 2 e 3):** Pessoas nunca devem fazer moralmente o que elas não vão, de fato, fazer.

Aqui, a conclusão contradiz a primeira premissa. Se o argumento é logicamente válido, ele mostra que as três premissas do argumento não podem ser todas verdadeiras. Um argumento adicional poderia ser necessário para mostrar quais das três premissas deveriam ser rejeitadas.

\*\*\*

Argumentos filosóficos não estão sempre na forma de uma *reductio*; às vezes, nós precisamos começar a partir de premissas básicas, das quais nossas conclusões finais dependem. A menos que sejam resultados científicos como mencionados acima, as premissas devem ser geralmente afirmações que se esperaria que qualquer leitor razoável concorde, e podem ser extraídas da experiência comum, ou de nossas intuições mais fortes. Assim, por exemplo, pode-se começar um argumento com a intuição de que o assassinato é errado se existem coisas erradas ou, de acordo com a experiência comum, que as coisas parecem menores quando estamos mais distantes delas. Quando você introduz um conjunto de premissas básicas, você deve ser cuidadoso para evitar a falácia da *petição de princípio*<sup>5</sup> – isto é, usar premissas que alguém poderia razoavelmente duvidar se não for pela aceitação prévia da conclusão que o argumento tenta estabelecer. (Este é o correto uso lógico da frase “petição de princípio”, a propósito. Evite usar a expressão “petição de princípio” para significar a expressão que levanta uma questão, pelo menos em artigos filosóficos.)<sup>6</sup>

### Exemplo de uma petição de princípio

**PREMISSA 1:** Eu tenho experiência religiosa.

**PREMISSA 2:** Se alguém tem experiência religiosa, então Deus existe.

**CONCLUSÃO:** Deus existe.

Note que, neste argumento, o termo “experiência religiosa” é ambíguo entre duas leituras. Numa leitura, significa experiência genuína de algo sobrenatural. Nesta leitura, a premissa **(2)** é plausível, mas a premissa **(1)** é uma petição de princípio, uma vez que teríamos de assumir que Deus existe para se poder pensar que teríamos uma experiência religiosa. Numa segunda leitura, “experiência religiosa” significa experiência *como se fosse* de algo sobrenatural. Mas nesta leitura, a

---

<sup>5</sup> N.T. Do latim *petitio principii*, petição de princípio.

<sup>6</sup> N.T. Literalmente, em inglês, *begs the question* significa algo que *levanta uma pergunta ou questão*, no sentido de levantar ou deixar em aberta uma dúvida. No entanto, como sugerido pelo próprio autor, em filosofia há um correto e único uso lógico desse termo, que equivale ao de ‘petição de princípio’, que designa um erro de raciocínio ou de argumentação, mais especificamente uma falácia informal de relevância.

premissa (2) é implausível. Finalmente, o argumento não é logicamente válido (equivoca-se<sup>7</sup>) se o termo “experiência religiosa” significa uma coisa diferente em cada uma das duas premissas. Se o escritor deste argumento tivesse definido seus termos mais cuidadosamente, sua fraqueza seria clara. Termos ambíguos em argumentos filosóficos são um problema comum, e podem mascarar outras fraquezas.

\*\*\*

Já que muitas das coisas que os filósofos falam são muito abstratas, pode ser difícil trazer nossa experiência e intuições comuns para suportá-las. Este é um lugar onde exemplos podem ser uma fonte útil de evidências. Exemplos podem também ajudar a esclarecer o significado pretendido dos termos. Filósofos fazem um grande uso de *exemplos hipotéticos* em particular, e você deve se sentir livre para usá-los - você mesmo.

### Um bom uso dos exemplos

Jen está defendendo a tese de que é permissível executar algumas ações que têm efeitos colaterais previamente conhecidos que não poderiam ser diretamente fins permissíveis. Ela usa bons exemplos, tanto para elucidar a noção de “efeitos colaterais previamente conhecidos”, quanto para ajudar a explicitar intuições para sustentar sua tese: *um efeito colateral previamente conhecido de uma ação é um evento ou estado de coisas que alguém não visa quando age, mas que sabe que (provavelmente) resultará da sua ação. Por exemplo, decido dirigir até a sala de aula para economizar tempo. Sei que minha condução deixará a vaga de estacionamento em frente de minha casa vazia. A vaga vazia de estacionamento é um efeito colateral previamente conhecido de minha ação: eu não viso isso, porque meu objetivo é apenas o de chegar na escola mais rápido. (...). Para ajudar a provar meu ponto sobre a diferença na permissibilidade entre fins e efeitos colaterais previamente conhecidos, usarei o seguinte exemplo hipotético: Bill, um piloto de um bombardeiro, decidiu bombardear uma fábrica importante de munições. Bill sabe que a*

---

<sup>7</sup> N.T. O autor se refere à falácia do equívoco, onde a mesma palavra é utilizada, mas com significados diferentes.

*fábrica está próxima a um hospital, e que são prováveis cerca de 1000 mortes civis. Mas bombardear a fábrica trará uma derrota prévia ao inimigo, cortando seu fluxo de armas. Isto irá desmoralizá-los e ajudará a acabar com a guerra. A ação de Bill, defendo, pode ser permissível. Agora eu irei alterar levemente o caso: Bob, um piloto de um bombardeiro, decidiu bombardear uma fábrica de munições. Bob sabe que a fábrica está próxima a um hospital, e que 1000 mortes civis são prováveis. De fato, bombardear a fábrica é o melhor modo de causar um número alto de vítimas, e é por isso que Bob decidiu bombardeá-la. Causar muitas vítimas civis irá ajudar a enfraquecer a determinação do inimigo e, desta forma, por um fim prematuro a guerra. (Também terá um efeito colateral de cortar seu fluxo de armas). Sustento que a ação de Bob é claramente impermissível.*

Exemplos como este podem nos levar a intuições morais claras, e se Jen pôde construir um exemplo que pode nos convencer de que é de fato claro que algo poderia ser permitido como um efeito colateral previamente conhecido, mas não como um fim, ela terá um bom argumento para sua tese.

\*\*\*

Há alguns tipos de “evidência” que você não deve usar em artigos de filosofia: não argumente que uma afirmação é verdadeira, ou provavelmente verdadeira, apenas porque alguém de grande autoridade acreditou. Autoridades podem estar erradas, e filósofos querem ver os argumentos para uma tese. E não argumente a partir do que o dicionário diz sobre algo. Se o dicionário defini verdade como “correspondência com a realidade”, você não pode usar isto como um argumento de que a verdade é correspondência com a realidade, porque ou você está tratando o dicionário como uma autoridade, ou você está citando ele como um relato de uso comum. Mas filósofos não querem saber o que a maioria das pessoas pensam ou assumem sobre o que é a verdade, querem saber o que está, realmente, em questão! (N.B.: você pode também ser confundido quando consultar o dicionário porque algumas palavras têm significado técnico-filosófico dentro do assunto que diferem de sua linguagem ordinária.).

#### 4. Fontes

Você pode usar livremente argumentos de outros filósofos em seus artigos desde que você credite eles adequadamente, e também construa seu próprio pensamento filosófico. Novamente, se você precisa explicar o argumento de outra pessoa, você deve fazer com suas próprias palavras e de acordo com seu próprio entendimento claro dos passos lógicos envolvidos nisso. É também extremamente importante que, quando você for explicar os argumentos de outros filósofos, você os interprete *caridosamente*. Isto não significa que você esteja impedido de criticá-los, mas, antes, que você deve interpretar cada autor como que sustentando o argumento mais forte possível, consistente com o que ele tem escrito. Se um argumento de um filósofo parece obviamente errado, então provavelmente você não o entendeu apropriadamente. Mesmo se um argumento de um filósofo parecer correto, você deve ter muito cuidado para evitar confundir seus argumentos com quaisquer outros argumentos que pareçam similares a ele.

Você pode ajudar a si mesmo a evitar essas dificuldades treinando sua leitura de artigos filosóficos, de forma extremamente devagar e cuidadosa, para entender os passos precisos do argumento do autor. Não é incomum ter de ler um artigo filosófico diversas vezes para capturar seus detalhes. Filosofia é difícil por natureza: para evitar tornar as coisas mais difíceis ainda, assegure-se que o argumento, em *seu* artigo, seja absolutamente tão claro e fácil de entender quanto possível!

Se for pedido a você oferecer um argumento ou uma objeção, e a tarefa não requer que ela seja sua própria, então você poderia tipicamente usar um que você tenha aprendido em aula ou das leituras, com a referência apropriada. Neste caso, você deve não apenas colocar o argumento com suas próprias palavras e na forma lógica que parece ser mais clara a você, mas também veja se há qualquer modo nos quais você poderia melhorar o argumento que você ouviu falar. Talvez você possa oferecer razões para modificá-lo, ou oferecer considerações extras na defesa dele que ajudariam a explicar porque você acha ele plausível. Procure modos de mostrar que você está fazendo seu próprio raciocínio filosófico.

## 5. Convenções

Certas convenções são úteis e tipicamente esperadas na escrita filosófica:

- **Evite citações diretas.**

Se você precisar citar, cite moderadamente, e após a citação explique o que o autor quer dizer com suas próprias palavras. (Há momentos em que breves citações diretas podem ser úteis; por exemplo, quando você quer apresentar e interpretar uma ambiguidade potencial no texto de um argumento do autor.) Quando você parafraseia, você deve fazer filosofia ao assim fazê-lo: explicar quaisquer termos ambíguos ou termos técnicos na fonte, e lembre-se que sua tarefa não é explicar as sentenças no texto, mas o argumento: o fim é mostrar que você entendeu e não meramente repetiu com palavras diferentes.

- **Use pronomes de primeira pessoa e pronomes possessivos livremente; os indicadores.**

Sentenças tais como “Eu usarei o termo ‘realista’ para significar...” são úteis na clarificação de seu uso de conceitos e terminologia. Frases tais como “Eu irei argumentar que...”, “Eu irei agora mostrar que...”, “Eu irei dar três exemplos...”, “Minha segunda objeção é...” ou “Meu argumento tem mostrado que...” são extremamente úteis para comunicar a estrutura de seus argumentos e de seu artigo em geral. Use sentenças com indicadores como estes, de forma frequente, em seu artigo, a fim de dar ao seu leitor um claro sentido *para onde seu argumento o está levando* em todos os momentos (note que tais indicadores não estão sempre formulados na primeira pessoa, por exemplo, “Smith oferece três objeções principais ... A primeira objeção de Smith é ... mas isso pode ser respondido que ... A segunda objeção de Smith é...”).

- **Diga exatamente o que você pretende, e não mais do que você precise dizer.**

Use uma prosa simples e breve, frases simples. Se você pode completar seu argumento em menos páginas que a tarefa o permite, procure por premissas ou passos que podem necessitar suporte adicional, ou antecipe e responda a objeções adicionais. Adicione exemplos onde eles podem ajudar a clarificar o significado de um conceito ou uma afirmação ou para persuadir um leitor que duvida de algo. Um artigo filosófico deve estabelecer um ponto modesto tão claro, cuidadoso e conciso quanto possível.

- **Seja cuidadoso com a linguagem especializada.**

Certos termos e sentenças são reservados em filosofia para significados especiais e restritos, que são peculiares ao tópico. Estes incluem *dedução*, *petição de princípio*, *validade*, *invalidade*, *sólido* e *fraco* (usados para descrever argumentos), e *vagos* (usados para descrever termos ou conceitos). Entenda como essas palavras são usadas em filosofia antes que você use qualquer uma delas em sua escrita.

## 6. Leituras adicionais

- A Guide to Philosophical Writing, por Elijah Chudnoff: <http://isites.harvard.edu/k24101>.
- A *webpage* de Jim Pryor (<http://www.jimpryor.net/teaching>) possui outros recursos introdutórios que você achará úteis, incluindo seu **Guidelines on Reading Philosophy** (porque você precisa aprender a ler em filosofia antes de poder escrever!) e algumas notas em **Philosophical Terms and Methods**<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> N.T.: na revista **Crítica** (<http://criticanarede.com>), você encontrará dois textos de James Pryor, **Como se escreve um ensaio de filosofia** (tradução para o português de Eliana Curado, disponível em: <http://criticanarede.com/jpryorcomoseleumensaiodefilosofia.html>) e **Como se lê um ensaio de filosofia** (tradução para o português de Álvaro Nunes, disponível em: <http://criticanarede.com/jpryorcomoseleumensaiodefilosofia.html>).